Copyright © dos autores, 2010

Direitos reservados para esta edição

Editora Garamond Ltda

Rua da Estrela, 79 - Rio Comprido - RJ
20251-021 - Rio de Janeiro, Brasil
Tel/fax: (21) 2504-9211
www.garamond.com.br
editora@garamond.com.br

Revisão

Carmem Cacciacarro

Editoração Eletrônica

Luiz Oliveira

Capa

Estúdio Garamond

Sobre foto de Sarah and Iain disponível em <http://www.flickr.com/photos/sarahandiain/475731563/>.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
DO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

G624a

Os anos Lula: contribuições para um balanço crítico 2003-2010. - Rio de Janeiro : Garamond, 2010.
424p.;16x23cm

ISBN 978-85-7617-196-6

I. Brasil - Política econômica. 2. Brasil - Política e governo - 2003-. II. Título.

10-4233.

CDD: 338.0981
CDU: 338.1(81)

APRESENTAÇÃO
Paulo Passarini

ESTRATÉGIAS
João Paulo de

MODELO LIBERAL
POLÍTICA E ECONOMIA
Luiz Filgueira

ENDIVIDAMENTO
INTERDEPENDÊNCIA
ESTRUTURAS
Miguel Bruno

INSERÇÃO EXTERNA
ECONOMIA BRASILEIRA
Marcelo Dias

DESENVOLVIMENTO
CONSIDERAÇÕES
Adhemar S. Min

DESEMPENHO
HISTÓRICA: GOVERNOS
Reinaldo Gon

POLÍTICA INDUSTRIAL
Wilson Cano, Ana

CONSIDERAÇÕES
Carlos Lessa, Rap

DESEMPENHO MACROECONÔMICO EM PERSPECTIVA HISTÓRICA: GOVERNO LULA (2003-10)

Reinaldo Gonçalves

O objetivo geral deste artigo é examinar o desempenho da economia brasileira em 120 anos de história da República. Como objetivo específico, o estudo foca na análise do desempenho comparativo do governo Lula. A partir da perspectiva histórica, avaliam-se o desempenho da economia brasileira em geral e o desempenho econômico do país no governo Lula em particular.¹ Mais especificamente, neste artigo são discutidas as seguintes hipóteses: (1) o desempenho econômico do Brasil durante o governo Lula é superior ao desempenho observado durante o governo FHC; (2) em ambos os governos a economia brasileira apresenta fraco desempenho; (3) a “herança negativa” do governo FHC prejudicou o desempenho do governo Lula; e, (4) a conjuntura internacional favoreceu este último:

A análise do desempenho de longo prazo baseia-se em um conjunto de seis indicadores macroeconômicos para todos os anos do período 1890-2009. Estes indicadores são: variação da renda real (variação real anual do Produto Interno Bruto – PIB); hiato de crescimento (diferença relativa entre a variação real anual do PIB brasileiro e a variação real anual do PIB mundial); investimento (variação real anual da formação bruta de capital fixo – FBKF); inflação (deflator implícito do PIB); fragilidade financeira (relação percentual entre a dívida pública interna federal e o PIB) e vulnerabilidade externa (relação percentual entre a dívida externa e as exportações de bens).

¹ Quanto ao escopo e método, este artigo é, na realidade, a atualização de dois trabalhos publicados anteriormente (Gonçalves, 2003; Filgueiras e Gonçalves, 2007). O primeiro tem como foco o governo FHC (1995-2002) e o segundo abrange o primeiro período do governo Lula (2003-06). Ver, também, Gonçalves (2010).

Os dados são anuais e a análise tem como referencial os períodos de governo republicano. No Brasil há uma enorme concentração de poder e recursos orçamentários no Executivo federal desde a proclamação da República. Portanto, a periodização segundo os governos é enfoque complementar a estudos de história comparativa com outras perspectivas (contexto internacional, regime político etc.).

Além de apresentar a análise das variáveis macroeconômicas, o estudo utiliza-se do Índice de Desempenho Presidencial (IDP). O IDP é uma variável reduzida na forma de um índice que varia de 0 (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).²

Desempenho econômico de longo prazo

No período 1890-2009, a taxa média de crescimento real do PIB brasileiro é de 4,5%, como mostra a tabela 1. No conjunto de 29 períodos, o governo Lula (2003-09) tem a 9ª taxa mais baixa de crescimento econômico. E, na ordem decrescente, constata-se que a taxa de crescimento no governo Lula (3,5%) ocupa a 21ª posição.³ Neste governo o crescimento médio real anual do PIB é significativamente menor do que a taxa secular de crescimento econômico do país em toda a sua história republicana (4,5%) e à mediana das taxas anuais (4,6%).⁴ No que se refere ao IDP relativo ao crescimento do PIB, o governo Lula ocupa a 22ª posição.⁵ O IDP do governo Lula (44,6) é inferior ao IDP médio (54,1) e à mediana dos IDPs de todos os governos (50,1).⁶

Vale notar que, tendo em vista o fraco desempenho do governo Lula, o país precisaria de 20 anos para duplicar o seu PIB. A taxa secular (1890-2009) duplica o PIB em 16 anos.

² As principais questões metodológicas e as fontes de dados são analisadas em detalhes em Gonçalves (2010).

³ A diferença entre as taxas médias de crescimento nos mandatos de Lula (3,548%) e de Hermes da Fonseca (3,547%) só aparece no terceiro dígito.

⁴ Para os indicadores, a média (geométrica) e a mediana referem-se aos dados anuais (120 anos).

⁵ De modo geral, a posição de cada mandato no IDP é idêntica à posição na variável de referência. Entretanto, há alguns poucos casos em que ocorrem diferenças de posição no *rank*. Isto acontece porque as médias das variáveis são geométricas, enquanto as médias do IDP são aritméticas. No caso das variáveis que entram com "sinal negativo" (inflação, fragilidade financeira e vulnerabilidade externa), o IDP é inversamente proporcional ao indicador macroeconômico.

⁶ Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

Tabela 1 – Crescimento econômico (taxa de crescimento real do PIB)

		PIB Variação %	IDP-PIB	
1	Garrastazu Médici	11,9	Garrastazu Médici	95,8
2	Deodoro da Fonseca	10,1	Deodoro da Fonseca	87,3
3	Café Filho	8,8	Café Filho	78,6
4	Jânio Quadros	8,6	Jânio Quadros	77,3
5	Juscelino Kubitschek	8,1	Juscelino Kubitschek	74,2
6	Costa e Silva	7,8	Costa e Silva	72,3
7	Eurico Dutra	7,6	Eurico Dutra	71,0
8	Epitácio Pessoa	7,4	Epitácio Pessoa	69,6
9	Ernesto Geisel	6,7	Ernesto Geisel	64,9
10	Nilo Peçanha	6,4	Nilo Peçanha	63,5
11	Getúlio Vargas II	6,2	Getúlio Vargas II	61,5
12	Washington Luís	5,2	Washington Luís	56,0
13	Itamar Franco	5,0	Itamar Franco	53,9
14	Rodrigues Alves	4,7	Rodrigues Alves	51,9
15	Prudente de Moraes	4,5	Getúlio Vargas I	50,1
16	José Sarney	4,4	José Sarney	50,0
17	Getúlio Vargas I	4,3	Castello Branco	48,5
18	Castello Branco	4,2	Artur Bernardes	46,1
19	Artur Bernardes	3,7	Prudente de Moraes	45,1
20	João Goulart	3,6	João Goulart	44,8
21	Lula	3,5	Hermes da Fonseca	44,8
22	Hermes da Fonseca	3,5	Lula	44,6
23	Campos Sales	3,1	Campos Sales	39,0
24	Afonso Pena	2,5	João Figueiredo	38,7
25	João Figueiredo	2,4	Afonso Pena	38,6
26	Fernando Henrique	2,3	Fernando Henrique	36,5
27	Venceslau Brás	2,1	Venceslau Brás	35,5
28	Fernando Collor	-1,3	Fernando Collor	15,5
29	Florianópolis	-7,5	Florianópolis	12,1
	Média	4,5		
	Mediana	4,6		54,1
				50,1

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: O IDP é um índice que varia de zero (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).

Para os indicadores, a média (geométrica) e a mediana referem-se aos dados anuais (120 anos). Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

O hiato de crescimento econômico médio é de 1,3% no período 1890-2009, como mostra a tabela 2. Este hiato significa que, neste período, a taxa média de crescimento real da economia brasileira é de 4,5%, enquanto a taxa média da economia mundial é de 3,1%.⁷ Da mesma forma que no caso da taxa de crescimento, o governo Lula tem o 9º mais baixo hiato de crescimento no conjunto dos 29 governos. Na ordem decrescente, constata-se que o hiato de crescimento no governo Lula está na 21ª posição. Neste governo o hiato médio

⁷ O diferencial é relativo, ou seja, hiato = [(1 + taxa Brasil) / (1 + taxa mundo) - 1] * 100.

(real anual) do PIB é de -0,1%. Ele é significativamente menor do que o hiato médio do país em toda a sua história republicana (1,3%). No que se refere ao IDP relativo ao hiato de crescimento, o governo Lula também ocupa a 21ª posição. O IDP do governo Lula é de 37,5. Este IDP é inferior ao IDP médio (46,0) e à mediana dos IDPs de todos os governos (45,5).

Tabela 2 – Hiato de crescimento (diferencial relativo entre as taxas reais de crescimento do PIB do Brasil e do mundo, em %)

		Hiato de crescimento %		IDP-Hiato
1	Deodoro da Fonseca	7,9	Deodoro da Fonseca	79,8
2	Epitácio Pessoa	6,4	Epitácio Pessoa	71,2
3	Eurico Dutra	6,2	Garrastazu Médici	70,7
4	Garrastazu Médici	6,2	Juscelino Kubitschek	61,0
5	Juscelino Kubitschek	4,3	Washington Luís	60,3
6	Washington Luís	4,1	Jânio Quadros	59,3
7	Jânio Quadros	4,0	Eurico Dutra	58,5
8	Costa e Silva	2,9	Costa e Silva	53,2
9	Ernesto Geisel	2,8	Ernesto Geisel	53,0
10	Café Filho	2,5	Café Filho	51,4
11	Nilo Peçanha	2,4	Nilo Peçanha	50,9
12	Hermes da Fonseca	2,3	Hermes da Fonseca	50,0
13	Itamar Franco	2,2	Itamar Franco	49,7
14	Getúlio Vargas I	1,5	Getúlio Vargas I	47,8
15	Getúlio Vargas II	1,4	Getúlio Vargas II	45,5
16	Prudente de Moraes	0,9	Rodrigues Alves	42,5
17	Rodrigues Alves	0,8	Afonso Pena	40,8
18	Afonso Pena	0,5	José Sarney	40,8
19	José Sarney	0,5	Prudente de Moraes	40,3
20	Campos Sales	0,0	Campos Sales	38,6
21	Lula	-0,1	Lula	37,5
22	João Figueiredo	-0,4	João Figueiredo	36,3
23	Venceslau Brás	-0,6	Venceslau Brás	35,5
24	Artur Bernardes	-0,9	Artur Bernardes	33,5
25	Fernando Henrique	-1,1	Fernando Henrique	32,2
26	Castello Branco	-1,3	Castello Branco	31,0
27	João Goulart	-1,5	João Goulart	30,2
28	Fernando Collor	-3,4	Fernando Collor	20,1
29	Florianópolis	-8,7	Florianópolis	13,3
	Média	1,3		46,0
	Mediana	0,8		45,5

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: O diferencial é relativo, ou seja, hiato = $[(1 + \text{taxa Brasil}) / (1 + \text{taxa mundo}) - 1] * 100$.

O IDP é um índice que varia de zero (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).

Para os indicadores, a média (geométrica) e a mediana referem-se aos dados anuais (120 anos). Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

Hiato negativo implica que o país tem queda da sua participação no PIB mundial. Isto ocorre durante o governo Lula. Vale notar que o “salto”

de desenvolvimento é dado por Vargas no seu primeiro governo (1930-45). No período de praticamente meio século, que vai de 1932 até 1980, a economia brasileira apresenta taxas de crescimento econômico de longo prazo significativamente elevadas (média de 6,8%). O resultado é que a participação do país no PIB mundial aumenta de menos de 1% no final dos anos 1920 para 3,6% em 1980. A partir de 1980, observa-se uma tendência de queda da participação relativa do Brasil na economia mundial. A participação média do Brasil na economia mundial segundo os governos é apresentada na tabela 3. No governo Lula, a participação média é de 2,74%. Esta participação está próxima daquela observada quase quarenta anos antes (início dos anos 1970).⁸

**Tabela 3 – Participação do PIB do Brasil no PIB mundial
(percentual, PIB em termos reais, ano de referência = 1980)**

		PIB Brasil / PIB mundial (%)
1	Deodoro da Fonseca	0,69
2	Flóriano Peixoto	0,57
3	Prudente de Moraes	0,58
4	Campos Sales	0,55
5	Rodrigues Alves	0,56
6	Afonso Pena	0,58
7	Nilo Peçanha	0,60
8	Hermes da Fonseca	0,63
9	Venceslau Brás	0,63
10	Epitácio Pessoa	0,78
11	Artur Bernardes	0,80
12	Washington Luís	0,90
13	Getúlio Vargas I	1,12
14	Eurico Dutra	1,52
15	Getúlio Vargas II	1,57
16	Café Filho	1,70
17	Juscelino Kubitschek	1,90
18	Jânio Quadros	2,18
19	João Goulart	2,16
20	Castello Branco	2,03
21	Costa e Silva	2,13
22	Garrastazu Médici	2,57
23	Ernesto Geisel	3,14
24	João Figueiredo	3,31
25	José Sarney	3,32
26	Fernando Collor	2,98
27	Itamar Franco	3,03
28	Fernando Henrique	2,93
29	Lula	2,74

Fonte: Elaboração do autor.

⁸ A participação do Brasil na economia mundial (PIB) era de 2,81% em 2002 e 2,79% em 2009. No governo FHC (1995-2002), a participação média é de 2,93% e no governo Lula (2003-09) é de 2,74%.

A taxa média de crescimento real do investimento (FBKF) brasileiro é de 4,3% no período 1890-2009, como mostra a tabela 4. No conjunto de 29 governos, o governo Lula tem a 17ª taxa mais elevada de crescimento da FBKF. Neste governo, o crescimento médio real anual da FBKF é de 4,7%, que é maior do que a taxa média, porém inferior à mediana (8,3%). No que se refere ao IDP relativo ao crescimento da FBKF, o governo Lula ocupa a 19ª posição. O IDP do governo Lula é de 55,9. Este IDP é inferior ao IDP médio (56,5) e à mediana dos IDPs de todos os governos (58,5).

Tabela 4 – Investimento (variação percentual real da formação bruta de capital fixo)

	FBKF, var. %		IDP- FBKF
1	47,2	Rodrigues Alves	88,3
2	26,5	Epitácio Pessoa	83,5
3	20,6	Eurico Dutra	75,4
4	14,7	Garrastazu Médici	70,4
5	12,2	Nilo Peçanha	67,5
6	11,9	Costa e Silva	66,7
7	11,5	João Goulart	65,6
8	10,2	Itamar Franco	63,8
9	9,6	Juscelino Kubitschek	63,0
10	8,5	Castello Branco	61,7
11	8,3	Getúlio Vargas II	61,6
12	8,2	Deodoro da Fonseca	61,4
13	8,1	Artur Bernardes	61,0
14	6,7	Afonso Pena	59,1
15	6,6	Ernesto Geisel	58,5
16	4,8	Getúlio Vargas I	58,2
17	4,7	Hermes da Fonseca	58,0
18	3,8	José Sarney	56,3
19	1,0	Lula	55,9
20	-0,8	Washington Luís	51,0
21	-3,0	Fernando Henrique	50,2
22	-3,3	Campos Sales	46,4
23	-3,5	Prudente de Moraes	46,4
24	-7,5	João Figueiredo	44,0
25	-9,4	Café Filho	43,9
26	-9,4	Fernando Collor	37,4
27	-10,7	Florianópolis	32,7
28	-14,2	Jânio Quadros	27,3
29	-24,8	Venceslau Brás	21,0
			56,5
	Média		58,5
	Mediana		

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: O IDP é um índice que varia de zero (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).

Para os indicadores, a média (geométrica) e a mediana referem-se aos dados anuais (120 anos). Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

A taxa média de inflação no Brasil é de 37,4% no período 1890-2009, como mostra a tabela 5. A mediana é de 11,9%. No conjunto de 29 períodos presidenciais, o governo Lula tem a 21ª taxa mais elevada de inflação, ou seja, a 9ª mais baixa taxa de inflação. Neste governo, a inflação média é de 7,6%, que é menor do que a taxa média e a mediana. No que se refere ao IDP, o governo Lula ocupa a 10ª posição. O IDP do governo Lula é de 69,3. Este IDP é superior ao IDP médio e à mediana dos IDPs de todos os governos.

Tabela 5 – Inflação (deflator implícito do PIB, %)

	Inflação %		IDP- Inflação	
1	Itamar Franco	2123,0	Campos Sales	100,0
2	Fernando Collor	1061,2	Afonso Pena	95,7
3	José Sarney	386,3	Washington Luís	90,5
4	João Figueiredo	109,1	Hermes da Fonseca	89,2
5	João Goulart	63,7	Nilo Peçanha	88,6
6	Castello Branco	60,8	Rodrigues Alves	78,6
7	Ernesto Geisel	38,6	Getúlio Vargas I	75,2
8	Jânio Quadros	34,6	Epitácio Pessoa	71,6
9	Costa e Silva	24,4	Florianópolis	70,6
10	Juscelino Kubitschek	21,5	Lula	69,3
11	Garrastazu Médici	21,2	Prudente de Moraes	69,2
12	Deodoro da Fonseca	17,4	Artur Bernardes	66,2
13	Fernando Henrique	17,1	Eurico Dutra	66,0
14	Getúlio Vargas II	17,0	Fernando Henrique	62,4
15	Florianópolis	14,1	Café Filho	62,1
16	Venceslau Brás	12,7	Venceslau Brás	61,5
17	Café Filho	11,5	Deodoro da Fonseca	58,3
18	Prudente de Moraes	10,9	Getúlio Vargas II	56,9
19	Eurico Dutra	9,3	Juscelino Kubitschek	53,4
20	Artur Bernardes	8,8	Garrastazu Médici	52,9
21	Lula	7,6	Costa e Silva	50,5
22	Getúlio Vargas I	6,5	Jânio Quadros	45,0
23	Epitácio Pessoa	4,6	Ernesto Geisel	43,4
24	Rodrigues Alves	4,2	Castello Branco	36,8
25	Nilo Peçanha	1,2	João Goulart	35,7
26	Afonso Pena	-1,6	João Figueiredo	27,7
27	Washington Luís	-2,0	José Sarney	10,8
28	Hermes da Fonseca	-4,1	Fernando Collor	2,1
29	Campos Sales	-10,3	Itamar Franco	0,0
	Média	37,4		58,3
	Mediana	11,9		62,1

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: O IDP é um índice que varia de zero (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).

Neste caso, o IDP opera no sentido inverso da variável básica, ou seja, quanto mais elevada a variável, menor o IDP.

Para os indicadores, a média (geométrica) e a mediana referem-se aos dados anuais (120 anos). Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

A média do indicador de fragilidade financeira (relação entre a dívida interna pública federal e o PIB) no Brasil é de 11,6% no período 1890-2009, como mostra a tabela 6. A mediana é de 10,1%. No conjunto de 29 governos, o governo Lula tem a taxa mais elevada. Neste governo, a relação média entre a dívida interna pública federal e o PIB é de 42,3%. No que se refere ao IDP, o governo Lula ocupa a última posição. Ou seja, trata-se do pior desempenho quanto ao estoque da dívida interna pública federal no período republicano.⁹

Tabela 6 – Fragilidade financeira (relação percentual dívida pública interna federal / PIB)

		Fragilidade Financeira %		IDP-Fragilidade financeira
1	João Goulart	0,2	Jânio Quadros	100,0
2	Jânio Quadros	0,3	João Goulart	100,0
3	Castello Branco	0,3	Castello Branco	99,8
4	Juscelino Kubitschek	0,7	Juscelino Kubitschek	99,2
5	Café Filho	1,4	Café Filho	97,6
6	Costa e Silva	1,7	Costa e Silva	96,9
7	Getúlio Vargas II	2,5	Getúlio Vargas II	94,9
8	Garrastazu Médici	4,8	Garrastazu Médici	89,6
9	Eurico Dutra	5,0	Eurico Dutra	88,9
10	Fernando Collor	5,5	Fernando Collor	87,1
11	João Figueiredo	6,0	João Figueiredo	86,6
12	Ernesto Geisel	6,4	Ernesto Geisel	85,6
13	Itamar Franco	9,0	Itamar Franco	79,6
14	Getúlio Vargas I	9,2	Getúlio Vargas I	78,8
15	Washington Luís	9,9	Washington Luís	77,3
16	José Sarney	10,7	José Sarney	75,2
17	Artur Bernardes	11,2	Artur Bernardes	74,4
18	Epitácio Pessoa	11,6	Afonso Pena	73,3
19	Afonso Pena	11,6	Nilo Peçanha	73,2
20	Nilo Peçanha	11,7	Epitácio Pessoa	73,1
21	Hermes da Fonseca	12,4	Hermes da Fonseca	71,3
22	Campos Sales	13,0	Campos Sales	69,8
23	Venceslau Brás	13,2	Prudente de Morais	69,6
24	Prudente de Morais	13,2	Venceslau Brás	69,4
25	Rodrigues Alves	13,8	Rodrigues Alves	68,0
26	Florian Peixoto	15,4	Florian Peixoto	64,1
27	Deodoro da Fonseca	23,3	Deodoro da Fonseca	45,2
28	Fernando Henrique	29,3	Fernando Henrique	26,5
29	Lula	42,3	Lula	1,7
	Média	11,6		76,4
	Mediana	10,1		77,3

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: O IDP é um índice que varia de zero (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).

Neste caso, o IDP opera no sentido inverso da variável básica, ou seja, quanto mais elevada a variável, menor o IDP.

Para os indicadores, a média (geométrica) e a mediana referem-se aos dados anuais (120 anos). Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

⁹ Na realidade, o governo Lula é responsável pela maior dívida pública interna federal da história do país desde 1822. No final do Império, em 1889, a relação entre a dívida pública interna federal e o PIB era da ordem de 30% (auge de 31,1% em 1887). Ver, Gonçalves e Pomar (2002), tabela 28.

A média do indicador de vulnerabilidade externa (relação entre a dívida externa registrada e a exportação de bens) no Brasil é de 216,3% no período 1890-2009, como mostra a tabela 7. A mediana é de 226,1%. No conjunto de 29 governos, o governo Lula tem o 6º menor indicador. Neste governo, a relação média entre a dívida externa registrada e a exportação de bens é de 138,2%, que é inferior à média e à mediana. No que se refere ao IDP, o governo Lula ocupa a 6ª posição.

Tabela 7 – Vulnerabilidade externa
(relação percentual dívida externa registrada/exportação de bens)

	Vulnerabilidade externa %	IDP-vulnerabilidade externa		
1	Eurico Dutra	53,0	Eurico Dutra	99,5
2	Getúlio Vargas II	56,1	Getúlio Vargas II	97,4
3	Café Filho	98,0	Café Filho	89,2
4	Florian Peixoto	103,4	Florian Peixoto	87,8
5	Deodoro da Fonseca	114,9	Deodoro da Fonseca	85,0
6	Lula	138,2	Lula	77,5
7	Prudente de Morais	144,9	Prudente de Morais	77,3
8	Campos Sales	152,0	Campos Sales	75,6
9	Rodrigues Alves	175,5	Rodrigues Alves	69,8
10	Epitácio Pessoa	183,2	Nilo Peçanha	66,0
11	Nilo Peçanha	190,6	Epitácio Pessoa	65,8
12	Costa e Silva	196,5	Costa e Silva	64,5
13	Afonso Pena	197,5	Afonso Pena	63,7
14	Artur Bernardes	208,8	Artur Bernardes	61,2
15	Juscelino Kubitschek	211,4	J u s c e l i n o Kubitschek	60,3
16	Garrastazu Médiçi	215,1	Garrastazu Médiçi	59,8
17	Castello Branco	219,7	Castello Branco	58,7
18	Jânio Quadros	224,1	Jânio Quadros	57,7
19	Hermes da Fonseca	228,9	Hermes da Fonseca	55,0
20	João Goulart	255,3	João Goulart	49,7
21	Ernesto Geisel	262,6	Ernesto Geisel	47,4
22	Venceslau Brás	271,6	Venceslau Brás	45,6
23	Itamar Franco	285,4	Itamar Franco	42,3
24	Washington Luís	295,0	Washington Luís	38,9
25	Fernando Collor	303,6	Fernando Collor	37,7
26	João Figueiredo	317,2	João Figueiredo	33,9
27	Getúlio Vargas I	327,4	Getúlio Vargas I	29,4
28	Fernando Henrique	342,3	Fernando Henrique	27,3
29	José Sarney	362,0	José Sarney	22,1
	Média	216,3		60,2
	Mediana	226,1		60,3

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: O IDP é um índice que varia de zero (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).

Neste caso, o IDP opera no sentido inverso da variável básica, ou seja, quanto mais elevada a variável, menor o IDP.

Para os indicadores a média (geométrica) e a mediana referem-se aos dados anuais (120 anos). Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

O indicador-síntese de desempenho econômico é o IDP. O IDP médio no governo Lula é 47,8, ou seja, o 23º mais elevado no conjunto de 29 governos, como mostra a tabela 8. Portanto, no governo Lula a economia brasileira tem fraco desempenho. O IDP médio é 58,6 e a mediana dos IDPs é de 61,1.

Tabela 8 – Índice de desempenho presidencial (média final)

	IDP-Síntese	
1	Eurico Dutra	76,5
2	Garrastazu Médici	73,2
3	Epitácio Pessoa	72,5
4	Café Filho	70,5
5	Getúlio Vargas II	69,6
6	Deodoro da Fonseca	69,5
7	Juscelino Kubitschek	68,5
8	Nilo Peçanha	68,3
9	Costa e Silva	67,4
10	Rodrigues Alves	66,5
11	Washington Luís	62,3
12	Afonso Pena	61,9
13	Campos Sales	61,6
14	Hermes da Fonseca	61,4
15	Jânio Quadros	61,1
16	Ernesto Geisel	58,8
17	Prudente de Moraes	58,0
18	Artur Bernardes	57,0
19	Getúlio Vargas I	56,6
20	Castello Branco	56,1
21	João Goulart	54,4
22	Itamar Franco	48,2
23	Lula	47,8
24	Floriano Peixoto	46,8
25	Venceslau Brás	44,8
26	João Figueiredo	44,5
27	José Sarney	42,5
28	Fernando Henrique	39,2
29	Fernando Collor	33,3
	Média	58,6
	Mediana	61,1

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: O IDP é um índice que varia de zero (pior desempenho) a 100 (melhor desempenho).

Governo Lula em perspectiva histórica

A análise apresentada neste texto é conclusiva: a evidência mostra que o desempenho da economia brasileira no governo Lula (2003-09) é fraco pelos padrões históricos brasileiros e pelos padrões internacionais.

No que se refere a esta última conclusão, vale destacar que desde 1980 se observa uma tendência de queda da participação relativa do Brasil na economia mundial. No governo Lula, a participação média é de 2,74%. Esta participação está próxima daquela observada quase quarenta anos antes (início dos anos 1970).

De modo geral, os indicadores de desempenho econômico no governo Lula (2003-09) são inferiores às médias e medianas para o conjunto do período em análise (1890-2009), como mostra a tabela 9. Há, entretanto, algumas exceções: (i) a taxa de investimento no governo Lula é superior à média do país, ainda que seja inferior à mediana; (ii) a taxa de inflação no governo Lula é inferior tanto à média quanto à mediana; e, (iii) o indicador de vulnerabilidade externa também é inferior tanto à média quanto à mediana na história econômica republicana.

Tabela 9 – Indicadores de desempenho: Brasil (1890-2009) e Governo Lula (2003-2009)

Variável	Brasil		Governo Lula
	Média	Mediana	Média
Crescimento econômico	4,5	4,6	3,5
Hiato de crescimento	1,3	0,8	-0,1
Investimento	4,3	8,3	4,7
Inflação	37,4	11,9	7,6
Fragilidade financeira	11,6	10,1	42,3
Vulnerabilidade externa	216,3	226,1	138,2

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: A ordem é decrescente e a referência são os IDPs dos 29 governos.

Vale destacar, ainda, que no governo Lula as médias observadas para o crescimento econômico, hiato de crescimento e investimento estão abaixo da mediana. No que se refere à fragilidade financeira, ele tem o pior desempenho.¹⁰ Assim, em quatro indicadores, o governo Lula posiciona-se na metade inferior da distribuição de desempenho segundo os governos. As exceções são os indicadores de inflação e vulnerabilidade externa visto que o governo Lula ficou abaixo da média e da mediana das taxas anuais.

¹⁰ Pode-se argumentar que a relação dívida pública interna federal/PIB não é o melhor indicador e deveria ser substituído, por exemplo, pela relação dívida pública federal líquida/PIB. Neste caso haveria inclusão da dívida externa e exclusão do valor das reservas internacionais no Banco Central. Entretanto, este argumento é frágil quando o país tem regime de metas de inflação com viés de ajuste do balanço de pagamentos (*expenditure-reducing policies*). Neste caso, quando ocorre crise cambial há não somente a venda de reservas (que reduz a dívida pública interna federal), mas também a elevação da taxa de juros que, *ceteris paribus*, provoca aumento do déficit nominal e, portanto, elevação da dívida pública federal. O resultado é que as reservas internacionais não garantem a redução da dívida pública federal líquida no contexto de crise cambial, metas de inflação e viés de política de ajuste externo. Ou seja, reservas internacionais elevadas não reduzem, necessariamente, a fragilidade financeira do Estado.

Quanto à questão externa, não há dúvida de que o governo Lula se beneficiou de uma conjuntura extraordinariamente favorável no período de 2003 até meados de 2008.¹¹ Portanto, uma parte expressiva do mérito quanto à redução dos indicadores de vulnerabilidade externa conjuntural deriva da fase ascendente do ciclo internacional. Não é por outra razão que, na fase descendente do ciclo internacional, a crise global de 2008-09 teve um forte impacto negativo sobre a economia brasileira (por exemplo, queda de 0,2% do PIB em 2009).¹²

Naturalmente, a análise do IDP converge para os resultados acima. Não resta dúvida de que o governo Lula tem um fraco desempenho em perspectiva histórica. O IDP médio do governo Lula é de 47,8, ou seja, abaixo do que seria o ponto crítico (50,0) e abaixo da média (58,6) e da mediana (61,1) dos IDPs para os 29 governos, como mostra a Tabela 10. No conjunto de 29 governos desde a proclamação da República, em ordem decrescente de desempenho, o governo Lula situa-se na 23ª posição. Ou seja, o governo Lula ocupa a 7ª pior posição.

**Tabela 10 – Índice de desempenho presidencial:
Brasil (1890-2009) e governo Lula (2003-09)**

Variável	Brasil		Governo Lula	
	Média	Mediana	IDP	Ordem
Crescimento econômico	54,1	50,1	44,6	22
Hiato de crescimento	46,0	45,5	37,5	21
Investimento	56,5	58,5	55,9	19
Inflação	58,3	62,1	69,3	10
Fragilidade financeira	76,4	77,3	1,7	29
Vulnerabilidade externa	60,2	60,3	77,5	6
Índice-final	58,6	61,1	47,8	23

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: Para o IDP, a média e a mediana referem-se aos 29 governos.

A ordem é decrescente e a referência são os 29 governos. Quanto mais próximo o IDP estiver da unidade, melhor é o desempenho.

¹¹ Neste período a renda mundial cresceu à taxa média real anual de 4,2% e o comércio mundial (valor corrente das exportações de bens e serviços) cresceu à taxa média anual de 7,2%. A taxa secular (1890-2009) de crescimento real da economia mundial é de 3,2%.

¹² Filgueiras e Gonçalves (2007, cap. 1) argumentam que, apesar de haver redução da vulnerabilidade externa conjuntural, houve elevação da vulnerabilidade externa estrutural da economia brasileira durante o governo Lula. Ademais, a vulnerabilidade externa comparada (Brasil em relação aos outros países e ao passado recente) não parece ter se reduzido. Além disso, como discutido em Kaltenbrunner e Paineira (2009), nos últimos anos houve expansão de novas formas de vulnerabilidade externa da economia brasileira, como o crescimento do estoque de investimento externo no mercado de capitais, a elevação do passivo externo líquido do sistema financeiro brasileiro e a crescente presença de não residentes no mercado de derivativos.

No grupo dos presidentes com os piores resultados, encontram-se, em geral, governos que foram marcados por situações político-econômicas particularmente restritivas no *front* interno (e.g., Floriano Peixoto – revoltas armadas) ou conjunturas internacionais muito desfavoráveis (e.g., Venceslau Brás – I Guerra Mundial). Entretanto, há casos (por exemplo, governos FHC e Lula) em que as condições internas e externas não foram particularmente restritivas. Ou seja, o desempenho é explicado, em grande medida, pela combinação de erros de estratégia, equívocos de políticas e desacertos de gestão.

Governo Lula versus governo FHC

Nesta seção são comparados os desempenhos dos governos FHC e Lula. O IDP-síntese do governo FHC é 39,2, enquanto o do governo Lula é 47,8, como mostra a tabela 11. O governo FHC ocupa a 28ª posição e o governo Lula a 23ª posição, em um conjunto de 29 governos. Vale notar que o governo FHC é o segundo pior da história republicana (só perde para o governo Collor). No conjunto de seis indicadores, o governo Lula tem melhor desempenho que o governo FHC em cinco indicadores. A exceção fica com a fragilidade financeira.¹³ No entanto, em ambos os governos a economia brasileira retrocede em termos de participação na economia mundial. O fato é que os governos Lula e FHC têm fraco desempenho em perspectiva histórica.

Tabela 11 – Governo Lula versus governo FHC: desempenho comparativo

Indicador	Indicador - taxa		IDP - índice		IDP - Posição	
	FHC	Lula	FHC	Lula	FHC	Lula
Crescimento econômico	2,3	3,5	36,5	44,6	26	22
Hiato de crescimento	-1,1	-0,1	32,2	37,5	25	21
Investimento	1,0	4,7	50,2	55,9	21	19
Inflação	17,1	7,6	62,4	69,3	14	10
Fragilidade financeira	29,3	42,3	26,5	1,7	28	29
Vulnerabilidade externa	342,3	138,2	27,3	77,5	28	6
IDP-Síntese	-	-	39,2	47,8	28	23

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: Indicadores: média anual.

O IDP para todos os governos tem média e mediana de 58,6 e 61,1, respectivamente.

Governo Lula: período 2003-09.

¹³ A relação média entre a dívida pública interna federal e o PIB é de 41,9% em 2001-02 e de 42,5% em 2008-09.

Não resta dúvida de que, na comparação entre o desempenho dos governos Lula e FHC, há que destacar a influência da conjuntura internacional.¹⁴ Durante o governo FHC, a economia mundial cresceu à taxa média anual de 3,4% e as exportações mundiais de bens e serviços, à taxa de 6,6%. No governo Lula (2003-09), as taxas correspondentes foram de 3,6% e 4,3%, respectivamente. Considerando o período 2003-08, a economia mundial cresceu à taxa média anual de 4,2% e as exportações mundiais de bens e serviços, à taxa de 7,2% no período 2003-08.¹⁵ Em uma perspectiva de longo prazo, a conjuntura econômica internacional tem estado relativamente favorável nas últimas duas décadas.¹⁶ Entretanto, o fato é que a economia brasileira tem elevada vulnerabilidade externa estrutural nas esferas comercial, produtiva, tecnológica e monetário-financeira (Gonçalves, 2005, cap. 6).

No conjunto de seis indicadores, há dois que expressam diretamente a situação econômica internacional (hiato de crescimento e vulnerabilidade externa). O hiato de crescimento é o diferencial entre a taxa de crescimento do PIB brasileiro e a taxa de crescimento da economia mundial, enquanto a vulnerabilidade externa é a relação percentual entre a dívida externa e as exportações de bens. A primeira depende das condições de liquidez e crédito internacional e a segunda, da variação da renda mundial. A exclusão desses dois indicadores implica mudanças importantes no IDP-médio (denominado de IDP-4). O IDP-4 do governo FHC aumenta de 39,2 (28ª posição) para 43,9 (27ª posição), enquanto o IDP-4 do governo Lula cai de 47,8 (23ª posição) para 42,9 (28ª posição). Portanto, o governo Lula perde posições no *ranking* quando se excluem os indicadores que expressam mais diretamente a conjuntura internacional. Neste caso, o governo Lula tem um desempenho inferior ao governo FHC. Com este indicador, o governo Lula só

14 Os defensores do governo Lula reconhecem a importância da conjuntura internacional, mas tentam destacar os méritos próprios deste governo (ver Mercadante, 2006, p. 27). Naturalmente, a conjuntura internacional influencia o desempenho econômico do país; porém, conforme discutido em Gonçalves (2003, cap. 2), a experiência histórica mostra que o contexto internacional não é determinante do desempenho econômico comparativo segundo o mandato presidencial. As estratégias e políticas governamentais de inserção internacional e de ajuste diante da conjuntura internacional são determinantes.

15 Entretanto, houve grande volatilidade dos fluxos financeiros internacionais durante o governo FHC, e a ocorrência da crise global no segundo semestre de 2008 durante o governo Lula.

16 A economia mundial entra em fase ascendente no final de 1992. Esta fase dura até o final de 2000. De 2003 a meados de 2008, a economia mundial experimenta outra fase ascendente. Esta fase é interrompida no final de 2008, com a crise global. Os fatores desestabilizadores de natureza financeira somente se tornam determinantes no contexto da crise global de 2008. As crises financeiras e cambiais da virada do século XX para o século XXI afetaram, principalmente, os países em desenvolvimento (entre os quais o Brasil) marcados por forte vulnerabilidade financeira externa.

tem desempenho superior ao do governo Collor (pior desempenho da história republicana).

Em defesa do governo Lula, pode-se argumentar que parte expressiva do seu fraco desempenho decorre da “herança negativa” do governo FHC, derivada principalmente do desequilíbrio das finanças públicas. Portanto, cabe excluir do cálculo do IDP-médio (denominado IDP-5) o indicador de fragilidade financeira (relação percentual entre a dívida pública interna federal e o PIB). Neste caso, o IDP-5 do governo Lula é de 57,0 (15ª posição), que é a própria mediana e maior do que a média dos IDPs (56,0), enquanto o IDP-5 do governo FHC é 41,7 (25ª posição). Portanto, há uma diferença marcante de desempenho econômico entre esses dois governos quando se exclui a questão do desequilíbrio das finanças públicas. E, em consequência, o governo FHC continua com fraco desempenho, enquanto o desempenho do governo Lula é mediano.

A simulação para o período 2003-10 gera o IDP de 48,4 para o governo Lula, que é um pouco maior do que o IDP de 47,8 para o período 2003-09, como mostra a tabela 12.¹⁷ Como resultado, o governo Lula supera o governo Itamar Franco (IDP = 48,2) e passa da 23ª posição para a 22ª posição no *ranking*.¹⁸ Ou seja, o governo Lula ocupa a 8ª pior posição no IDP final. A melhora marginal decorre da estimativa de crescimento econômico para 2010. Entretanto, o fato a destacar é que o governo Lula continua com IDP final inferior à média (58,6) e à mediana (61,1) para todos os governos do período republicano.

17 Esta simulação supõe taxa de crescimento do PIB brasileiro de 5,52% em 2010, segundo estimativas do Bacen (boletim *Focus* de 1º de abril de 2010), e taxa de crescimento do PIB mundial de 4,2%, segundo estimativas do FMI. A estimativa da variação da FBKF em 2010 (4,7%) é a média da variação no período 2003-09. O dado de inflação para 2010 (5,18%) tem como fonte o boletim *Focus* do Banco Central do Brasil de 1º de abril de 2010 (mediana das previsões para o IPCA). Desde 2003, a variação do deflator do PIB tem sido superior à variação do IPCA; por exemplo, em 2009, o deflator foi de 4,79% e a variação do IPCA foi de 4,31%. As estimativas para os indicadores de fragilidade financeira (42,7%) e de vulnerabilidade externa (115,2%) para 2010 são os dados de 2009. Os dados estão disponíveis em: Bacen, <http://www4.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/R20100401.pdf>; Ipea, <http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata>; e FMI, <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2010/01/index.htm>.

18 As simulações com dados para o período 2003-10 causam um número pequeno de alterações nos índices (no primeiro decimal) e nenhuma mudança significativa de ordem.

Tabela 12 – Governo Lula: 2003-09 e simulação para 2003-10

	2003-09			2003-10		
	Indicador	Ordem	IDP	Indicador	Ordem	IDP
Crescimento econômico	3,5	22	44,6	3,8	18	46,2
Hiato de crescimento	-0,1	21	37,5	0,1	21	38,4
Investimento	4,7	19	55,9	4,7	19	55,9
Inflação	7,6	10	69,3	7,3	10	70,0
Fragilidade financeira	42,3	29	1,7	42,4	29	1,7
Vulnerabilidade externa	138,2	6	77,5	135,2	6	78,4
IDP-Síntese		23	47,8		22	48,4

Fonte: Elaboração do autor.

Notas: Indicadores são em percentagem.

Os dados para 2003-10 baseiam-se em estimativas para 2010.

A ordem é decrescente e a referência são os IDPs dos 29 governos. A ordem geral é a do IDP-síntese.

Conclusões

Não resta dúvida de que a “herança negativa” do governo FHC criou sérias restrições, enquanto a “herança positiva” deste último afrouxou as restrições para o desempenho da economia brasileira. No âmbito da política, é natural que os aliados do governo Lula ressaltem a “herança negativa” para valorizar o desempenho deste governo. Por outro lado, os adversários tendem a destacar a “herança positiva” e a continuidade do modelo e das políticas, bem como a conjuntura internacional, com o intuito de minimizar o mérito específico do governo Lula. Entretanto, este tipo de dualidade no debate político negligencia questões fundamentais, como, por exemplo: por que a economia brasileira tem um desempenho fraco tanto no governo FHC quanto no governo Lula?

Naturalmente, a própria correlação de forças políticas, o peso dos setores dominantes e os interesses eleitorais impedem a análise e a discussão que mais se aproximam da realidade brasileira contemporânea. E esta realidade é marcante: fraco desempenho econômico. As discussões limitam o debate em termos de “beltranos” e “fulanas”. Porém, as soluções para os graves problemas do país exigem questionamentos sobre estratégias retrógradas de desenvolvimento, políticas econômicas e sociais que seguem a “linha de menor resistência”, a influência e os interesses dos setores dominantes e os erros recorrentes de gestão.

As conclusões da análise a respeito do primeiro mandato do governo Lula, apresentadas em Gonçalves e Filgueiras (2007), podem ser estendidas, com

modificações marginais, para o segundo mandato. No período de 8 anos, o fraco desempenho do governo Lula é explicado, precisamente, pela combinação de estratégias retrógradas, políticas equivocadas, interesses dominantes e erros de gestão.¹⁹ Em todo o período 2003-09 a economia brasileira tem um desempenho que fica muito aquém da sua experiência histórica. A análise aqui apresentada mostra que não é somente no primeiro mandato que o governo Lula tem um desempenho fraco. As simulações para 2003-10 não alteram esse resultado. A comparação com o governo FHC não engrandece de forma alguma o governo Lula. Afinal, ambos tiveram um fraco desempenho.

A análise mostra que, quando se considera a “herança negativa” de elevada fragilidade das contas públicas, verifica-se que o governo Lula tem um desempenho mediano pelos padrões históricos do país. Por outro lado, a conjuntura internacional favorável influenciou significativamente o desempenho do governo Lula. De fato, ao se excluir os indicadores que expressam diretamente esta conjuntura, o desempenho do governo Lula só não é pior do que o do governo Collor. Portanto, a “herança negativa” do governo FHC prejudicou o desempenho da economia brasileira no governo Lula, enquanto a conjuntura econômica internacional favoreceu esse desempenho. A evidência mostra que essas influências são importantes.

Como interpretação alternativa, aliados e membros do governo se defendem e argumentam que, em algum momento no final do primeiro mandato, os “liberais” em altos postos foram derrotados pelos “desenvolvimentistas” (Barbosa e Souza, 2010). Assim, segundo esta interpretação, o governo Lula foi salvo pelos “desenvolvimentistas” no seu segundo mandato. Ocorre que, ainda segundo essa interpretação, o “impulso desenvolvimentista” é prejudicado pela crise global de meados de 2008. Trata-se de um choque externo que compromete seriamente o desempenho econômico do país.

Assim, no primeiro mandato, os “liberais” teriam impedido o aproveitamento das oportunidades criadas pela conjuntura externa, enquanto no segundo mandato a reversão da fase ascendente do ciclo internacional e a crise global teriam prejudicado a trajetória “desenvolvimentista”. A fragilidade analítica desta interpretação é evidente. Só para ilustrar, ela parte do pressuposto de que

¹⁹ No governo Lula, como destacado em Gonçalves e Filgueiras (2007), os erros de política não se restringem às áreas monetária e cambial. Nesse trabalho também há críticas a outras políticas, como a fiscal, a comercial, a social e a de financiamento.

estratégias, políticas e gestão dependem do acesso dos *good guys* aos “ouvidos do rei”. E a nomeação dos *good guys* desenvolvimentistas depende dos seus méritos pessoais, dos canais de acesso ao “rei” e da “roda da fortuna”. Ou seja, a economia política dos conflitos de interesses entre grupos e classes sociais é desprezada em favor da “fulanização” e dos méritos e deméritos de indivíduos que ocupam postos-chave na administração pública. Com esta linha analítica, nada se avança em termos de entendimento da realidade e da capacidade de formulação de propostas. E, ao fim e ao cabo, o que resta é o fraco desempenho da economia brasileira.

Referências bibliográficas

ABREU, M. et al. *A ordem do progresso*. Cem anos de política econômica republicana, 1889-1989. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

ANDIMA. *Dívida pública*. Séries históricas. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Instituições do Mercado Aberto, 1994.

BARBOSA, N. e SOUZA, J. A. P. A inflexão do governo Lula: política econômica, crescimento e distribuição de renda. In: SADER, E. e GARCIA, M. A. (orgs.). *Brasil entre o passado e o futuro*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 57-110.

CARNEIRO, R. *Desenvolvimento em crise: a economia brasileira no último quarto do século XX*. São Paulo: Unesp/IE – Unicamp, 2002.

FILGUEIRAS, L. e GONÇALVES, R. *A economia política do governo Lula*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

FILGUEIRAS, L. *A história do Plano Real: fundamentos, impactos e contradições*. São Paulo: Boitempo, 2006.

GOLDSMITH, R. W. *Brasil 1850-1984*. Desenvolvimento financeiro sob um século de inflação. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1986.

GONÇALVES, R. *A herança e a ruptura: cem anos de história econômica e propostas para mudar o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

_____. *Economia política internacional*. Fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

- _____. *Análise comparativa do governo Lula: resultados e metodologia*. 2010. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/hpp/mostraArtigos.php?idprof=77&cat=14>.
- _____. e POMAR, V. *A armadilha da dívida*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.
- KALTENBRUNNER, A. e PAINCEIRA, J. P. New Forms of External Vulnerability: Brazil in the global financial crisis. 2009. Disponível em: http://www.devstud.org.uk/aqadmin/media/uploads/4af1730c98ea5_Painceira-kaltenbrunner-conf09.pdf
- MADDISON, A. *Dynamic Forces in Capitalist Development. A Long-run Comparative View*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- MERCADANTE, A. *Brasil: primeiro tempo*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- SUZIGAN, W. *Indústria brasileira. Origem e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 2000.
- VILLELA, A. V. e SUZIGAN, W. *Política do governo e crescimento da economia brasileira. 1889-1945*. Rio de Janeiro: Ipea, 1973.